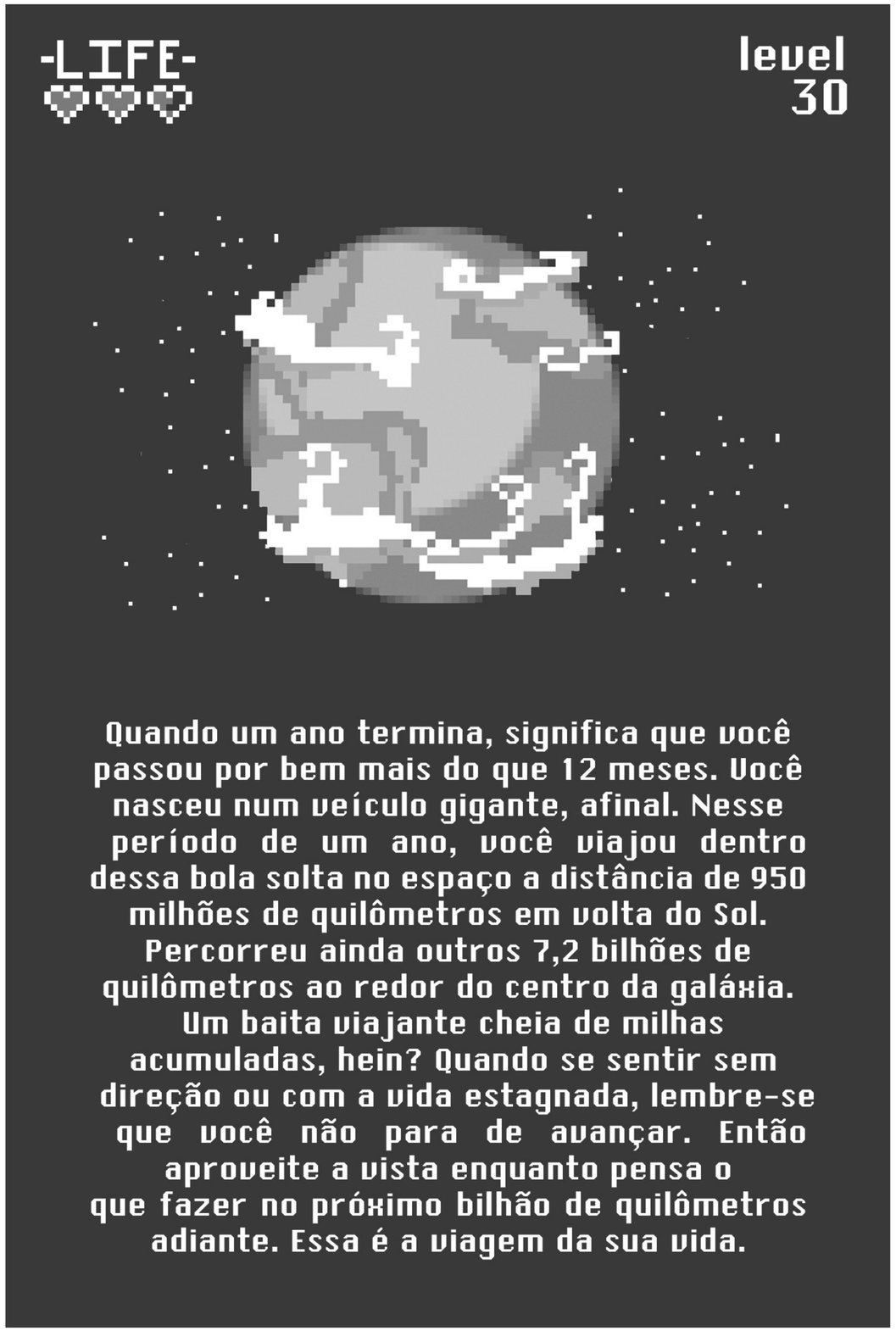


DE VOLTA AOS ZINES

Doze anos atrás, meu negócio era fanzines. Negócio quase no sentido business: eu criava e produzia, vendia e anunciava. Não dava dinheiro, é verdade, apenas o suficiente para cobrir despesas com xerox e envio; não era trabalho, mas eu tratava como tal.

Desde então, fiz faculdade, arrumei emprego (vários), larguei empregos, comecei a trabalhar com escrita, virei escritora, publiquei na internet, tive blog, coluna em sites, podcast, newsletter, lancei e-books, publiquei livro.

Longa jornada: foi difícil, tive que ficar várias rodadas sem jogar no tabuleiro da vida, mas acabei avançando algumas casas. Cheguei onde jamais imaginava – digamos que se me dissessem que um dia um livro escrito por mim ("quê?") estaria ao lado do Veríssimo na prateleira da livraria eu diria para a pessoa parar com as drogas pesadas.

Tudo isso para quê? Doze anos depois, voltar com os fanzines. Não é como se, depois de tanto trabalho, eu voltasse à estaca zero; a vida é uma roda, etc. Às vezes ela gira e passa por caminhos já conhecidos, mas o importante é que continua rodando.

Inícios e fins não são exatamente extremidades. Estão conectados.

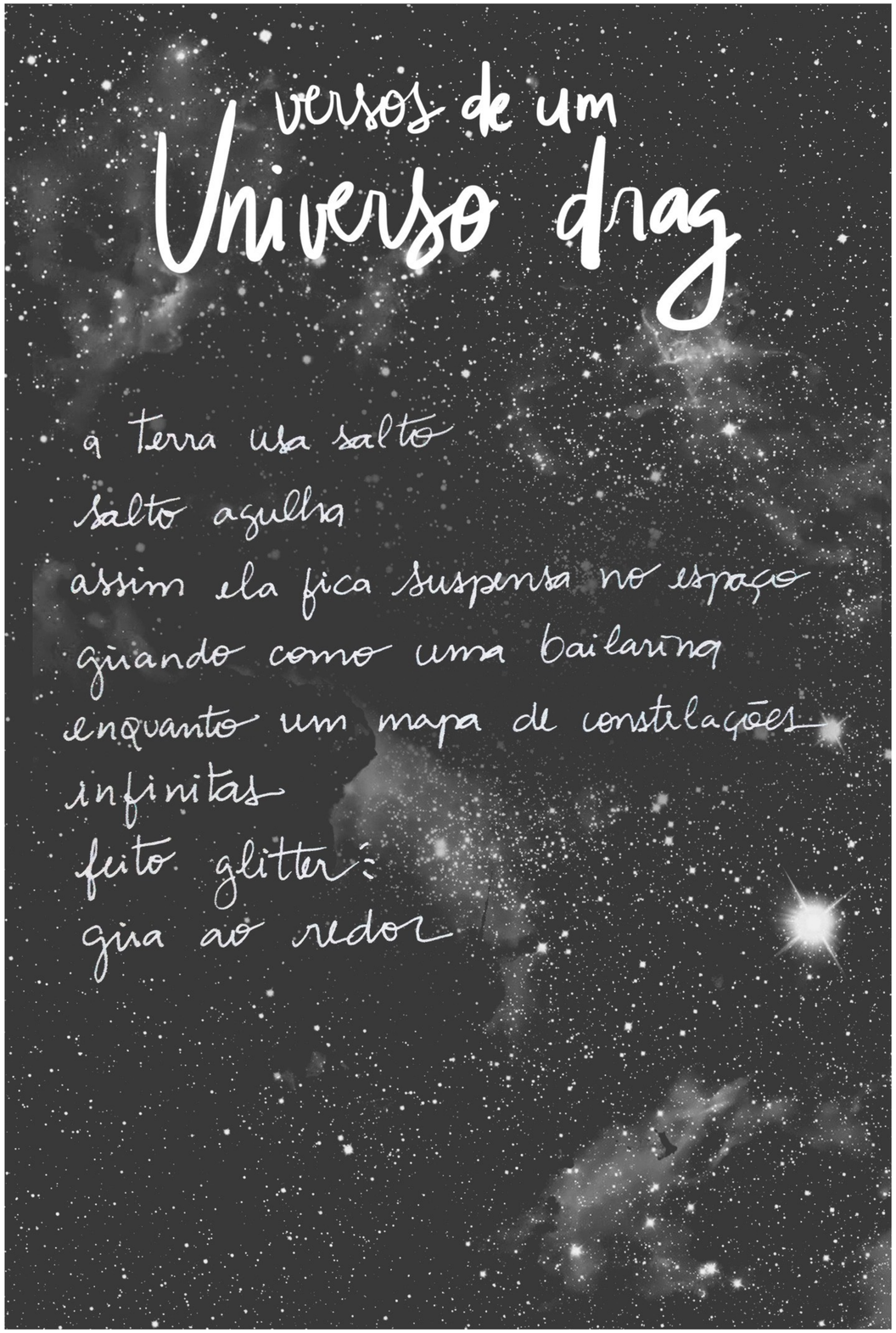
Há sempre algo terminando e algo começando. Quando estamos perdidas, sem saber o que fazer a seguir, não é porque chegamos ao fim e não há mais nada adiante; talvez seja porque o próximo passo já estava com a gente o tempo todo.

Esse zine é um bom exemplo. Com ele, Bobagens Imperdíveis – antes uma cartinha virtual – agora expande suas possibilidades, começa & recomeça, novo em folha. Folhas que agora você pode tocar, cheirar ou fazer origamis.

Olá, de novo.

Aline Valek

SP, janeiro de 2017.



PARA COLORIR

David Bowie

desde que voltou para o espaço,
o mundo começou a desandar

Suni Léa Chispo

Uma entrevista com a roteirista do surreal ano de 2016

“2016 foi uma história de amor. Entre o desespero e o absurdo.”

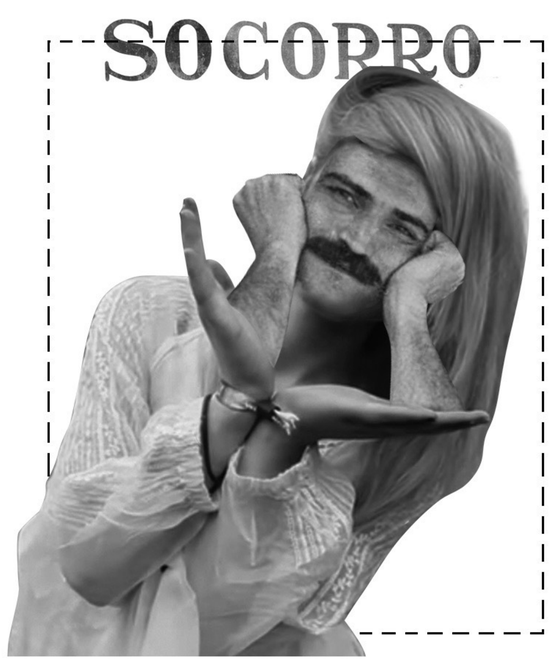
Por: Zetta Omens

Pijamas, cigarrilha pendurada no canto da boca, uma caneca com estampa do Belchior. Sorridente, ofereceu um balde invertido para eu me sentar, enquanto fez de cadeira uma pequena escada dobrável de metal. Ao nosso redor, o caos de seu ateliê, as paredes forradas de prints de comentários na internet e conversas de celular, o som distante de um xilofone.

Não se espera mesmo formalidade ou comportamento mais tradicional de figura tão controversa quanto **Suni Léa Chispo**, que atuou muitos anos como artista plástica, escultora molecular e revendedora de vinis usados, mas atualmente é conhecida por ser a roteirista do polêmico ano de 2016.

Ela, por outro lado, diz não se identificar com nenhum desses rótulos, e prefere se definir apenas como "derrubadora de forninhos".

Em seu ateliê, ela falou a *Bobagens Imperdíveis* sobre seu trabalho, sobre as críticas que sua última obra rendeu e o que ainda pretende fazer em matéria de quebrar todos os limites.



Parece menos assustadora a ideia de errar se pudermos repetir a situação até atingir o resultado correto, e até lá acordar com nossos erros resetados, apagados, zerados. Mas a vida real não é tão molezinha e os erros não são o problema.

Só faz coisas realmente memoráveis, que ficam no tempo, quem se expõe aos riscos e ao fracasso.

São marcos como a virada de ano que trazem a sensação de recomeço, de erros deletados, de Bill Murray acordando para uma nova repetição do Dia da Marmota; o que por um lado é um alívio, até o momento em que os inevitáveis fracassos vêm e passamos desanimados o resto do tempo esperando o placar zerar novamente.

Em vez disso, podemos abraçar e celebrar o erro. Aproveitar um novo ano para errar bastante, sem medo. E fazer de cada um dos dias de 2017 um Dia da Marmota: uma possibilidade de errar e arriscar como se não houvesse outro atalho para alcançar o resultado esperado. Porque, na verdade, não há. ■

O ANO DA marmota

Meu gênero favorito de filmes é o de viagem no tempo. Outro dos meus gêneros favoritos são filmes com Bill Murray. Na intersecção entre os dois, um dos melhores filmes de Sessão da Tarde: "O Feitiço no Tempo", daquelas traduções super fiéis para *The Groundhog Day* – ou: O Dia da Marmota.

Nele, Bill Murray é um homem do tempo na TV que vai a uma cidadezinha cobrir o festival do Dia da Marmota, mas, por um desses estranhos tilts na malha do Universo que vez ou outra acontecem, ele acaba preso nas mesmas 24 horas, condenado a repetir o mesmo dia indefinidamente.

Mais que um filme, o Dia da Marmota pode ser traduzido como uma sensação cotidiana: o de se ver em um mesmo tipo de situação e fazer cagada repetidas vezes, como se nossos erros viessem amarrados aos nossos tornozelos e não conseguíssemos evitar trazê-los conosco.

Como foi fazer seu primeiro trabalho como roteirista de um ano inteiro, apesar de seus trabalhos prévios serem mais visuais, como o memorável *Topete em Molécula de Metano*? A transição para este novo tipo de trabalho foi um desafio para você?

O mais difícil foi colocar hífen nas palavras certas. Essa regra me confunde muito. Fora isso, roteirizar 2016 foi como colocar enfeites natalinos num pé de maconha: eu já estava acostumada, só não sabia. A coisa fluiu, mas foi só a partir dos episódios de Maio que realmente comecei a me soltar. Já havia sentido o potencial do que eu tinha em mãos, então a partir daí quis levar tudo ao extremo: até onde dá para ir? Quão mais louco esse ano ainda pode ser? Quem ainda posso matar? Será que ainda tem maionese na geladeira?

Entendo. Mas a crítica em geral acha que você pesou um pouco a mão. 2016 foi considerado um dos piores anos já escritos. Como isso te afetou?

Hoje em dia as pessoas dizem que é "ruim" algo que não entenderam. O problema não é meu. Minha proposta com 2016 foi bem clara: extrapolar os limites da sensatez, pegar o que faz sentido e picar em mil pedacinhos, para depois revelar que os pedacinhos não eram reais, apenas atores disfarçados em uma grande campanha falsa de marketing. Meu trabalho tem proposta, que cumpri. Já os críticos tem o quê? Verrugas.

Ao esmiuçar 2016, fica evidente que você tem um estilo bem único. O *nonsense* é o que mais salta aos olhos, mas a fartura de *plot twists* também é marcante. Como você sabia que era hora de mais uma reviravolta nos acontecimentos?

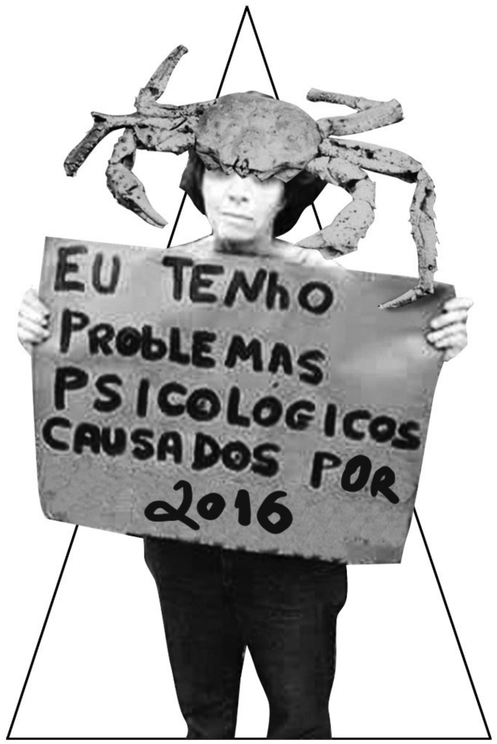
Gosto de surpreender, mas também de ser desafiada. Quando a audiência dizia "ah, não dá para ficar pior", eu mostrava no episódio seguinte que dava sim para piorar. E quando estavam todos ainda vivendo as angústias do auge da virada, eu criava o *plot twist* do

plot twist, para deixar todo mundo atordoado, sem saber se sentia raiva, tristeza, vontade de fazer piada, de tretar ou de ligar para o terapeuta aos prantos.

tA ideia era manter a audiência nesse frenesi de sentimento, nesse caldeirão de “ai meu deus eu não sei o que está acontecendo”, com bastante cebola picadinha, num cozimento de longa duração.

Por falar em audiência, apesar das críticas negativas, 2016 obteve bons índices.

As pessoas adoram um cabaré em chamas. 2016 acabou fornecendo muito material para a indústria de memes, e isso garantiu a audiência. Pessoas comentando cada episódio nas redes sociais, com fúria ou zoeira, foi a prova que 2016 pegou, que vai ficar na memória, por mais que tenham odiado. Quer dizer, ninguém lembra de 1876. Que diabos aconteceu, quem peidou? Mas de 2016 vão se



lembrar ainda por muito tempo.

Também porque as pessoas ainda vão demorar um bocado para entender o que aconteceu, não?

Gosto de pensar que criei uma obra como aqueles filmes que te deixam em choque, pensando por muito tempo, mesmo depois de subirem as letrinhas dos créditos finais.

Aliás, muitos esperavam que subissem os créditos ao final de 2016 e fosse revelado que

enquanto a que vive a situação
nunca satisfaz nenhuma das duas

afinal, as outras duas têm bastante tempo para pensar, mas ela tem pouquíssimo tempo para agir.

existem sempre três versões de nós:

o ano foi escrito e dirigido por Quentin Tarantino.

Natural a confusão, 2016 foi mesmo uma obra muito violenta. Mas não nego que Tarantino tenha sido uma referência no meu trabalho. Assim como George R. R. Martin: com ele tive a ideia de eliminar vários personagens de destaque. David Bowie, Prince, Elke Maravilha, Patropi, Professor Girafalles, Allan Rickman. Arrancar essas e outras celebridades tão queridas foi uma forma de tirar das pessoas todas as certezas que elas tinham a respeito do mundo. Deixá-las sem chão, fragilizadas para o que quer que eu inventasse depois.

Com tantas personagens importantes partindo, ficou difícil entender: quem foi a protagonista de 2016?

O desespero. Inclusive, este foi um personagem bastante versátil, apareceu com diversos rostos durante o ano. 2016 foi, na verdade, uma história de amor entre o desespero e o absurdo. Das consequências explosivas desse amor.

Depois de 2016, será difícil os anos voltarem a ter uma narrativa mais tranquila, ou mesmo mais realista. Os próximos roteiristas terão trabalho para alcançar o seu padrão.

Na verdade, serei a roteirista dos próximos anos também. A princípio, será uma trilogia: 2016, 2017 e 2018. Dependendo de como tudo correr, pode virar uma série mais longa. Estou empolgada!

Dessa eu não sabia, confesso que minhas pernas até tremeram aqui. E o que o público pode esperar da continuação?

Melhor não esperar nada. O roteiro que estou preparando para 2017 vai tornar inútil qualquer tentativa de entender. Aliás, "entender" é tão 2004. Quero explorar outros sentidos, quero levar a desorientação até níveis que a humanidade nunca experimentou antes. A história começa com o desespero e o absurdo tendo um filho, a insanidade. Vai ser uma história mais família, sabe?

Imagino. Aposto que os leitores de Bobagens Imperdíveis já não veem a hora de viver essa nova experiência. Suni, a conversa foi maravilhosa. Para encerrar, conta pra gente qual foi, para você, o grande momento de 2016.

A Farra dos Patos foi um momento incrível. Munidos de panelas, feito um exército de Meninos Maluquinhos vestidos com a camisa da seleção brasileira, lutaram bravamente para que os corruptos contra os quais bradavam pudessem tomar o poder só para eles, montados num pato gigante. Protestar por uma coisa, defendendo outra, mas na verdade obter o resultado oposto! Genial, modéstia à parte. O tipo de falta de sentido que move meu trabalho, foi emocionante conseguir isso. Mas para os próximos anos, meu desafio será fazer algo ainda mais doido. Espero que não duvidem de mim. ■